

anteriormente, para a escala dos “casos”, isto é, a ordem da interação entre os atores sociais, numa certa conjuntura, em face de um sintoma ou doença específica. Trata-se exatamente do processo de construção da noção de doença no momento anterior a seu reconhecimento pleno pelos cânones da biomedicina, quando a doença está sendo exatamente observada, comunicada, qualificada por um diagnóstico que será, ou não, legitimado pelo conjunto diverso de atores. O autor descreve, então, três situações em que o diagnóstico é o símbolo dominante a ser construído, ou seja, a síntese possível entre a experiência vivida (dos médicos e dos doentes) e o saber biomédico adquirido pelo *habitus* profissional, mediante diferentes instrumentos: os exames laboratoriais, as hipóteses diagnósticas, os algoritmos e os protocolos.

O presente livro cruza, assim, contribuições para a história da medicina e para os campos da antropologia da saúde e da saúde pública. Interessa àqueles que têm se debruçado sobre o papel das ciências e da medicina nas sociedades ocidentais modernas, o processo de profissionalização do médico e as vicissitudes cotidianas das ações biomédicas. Por último, estimula a curiosidade – a ser saciada por futuras pesquisas – sobre semelhanças e diferenças entre as especificidades culturais do processo de aprendizagem da biomedicina na Argentina e no Brasil.

Ana Teresa A. Venancio  
Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz,  
Rio de Janeiro, Brasil.  
anavenancio@coc.fiocruz.br

**SAÚDE E DOENÇA: UM ENFOQUE ANTROPOLÓGICO.** Marco S. Queiroz. Bauru: EDUSC, 2003. 230 pp. (Coleção Saúde e Sociedade). ISBN: 85-7460-169-1

O reconhecimento da importância dos estudos sócio-antropológicos relacionados aos processos saúde/doença/atenção pode ser confirmado pelo número de estudiosos que se dedicam a essa tarefa, assim como pelo incentivo dado pelas instituições de ensino e de fomento à pesquisa. Entretanto, sabe-se que, na prática, alterações decorrentes das mudanças conceituais nem sempre são facilmente aceitas pelos profissionais de saúde e nem pelos gestores. Essa situação pode ser compreendida levando-se em conta que novas concepções acerca dos processos saúde/doença/atenção trazem, como conseqüência, a introdução de mudanças significativas nas relações estabelecidas entre profissionais de saúde de diferentes categorias e usuários dos serviços, além das repercussões no encaminhamento das práticas profissionais. As modificações resultam, ainda, em alterações na correlação de forças no interior das instituições, que podem afetar a hegemonia médica historicamente constituída. Por outro lado, os programas de qualificação profissional e os de educação permanente, patrocinados pelas instituições dedicadas à execução das atividades em saúde, são ainda insuficientes para dar conta desta demanda, ou seja, qualificar os profissionais de saúde, de todas as categorias, para a compreensão de uma concepção de saúde/doença/atenção que leve em consideração o valor da cultura, do meio social, das práticas alternativas, e a impor-

tância da opinião dos *leigos* acerca dos procedimentos que lhes dizem respeito.

No entanto, registra-se, já solidamente estruturada entre os pesquisadores, um consenso acerca da importância dos estudos sócio-antropológicos para a Medicina e para a Saúde Pública. Essa importância está, dentre outros fatores, relacionada aos estudos que articulam representações sociais e processos de saúde/doença/atenção, notadamente pesquisas qualitativas com os profissionais e usuários dos serviços de saúde, a fim de compreender aquilo que sustenta e direciona suas intervenções e suas práticas. De modo geral, esses estudos são precedidos por uma discussão dos paradigmas da medicina tradicional em contraste com outras posições fundadas em práticas alternativas, incluindo aquelas oriundas de crenças religiosas.

O livro de Marcos S. Queiroz situa-se nessa linha interpretativa. Inicialmente o leitor encontra uma discussão acerca do conceito de representação social do ponto de vista multidisciplinar em pesquisa qualitativa, oferecendo à apreciação uma visão panorâmica do desenvolvimento do conceito, destacando sua potencialidade no interior das Ciências Sociais.

A seguir, o autor elaborava uma referência crítica à medicina ancorada no positivismo, que, ao formar uma forte corporação profissional, “*lutou e venceu as medicinas concorrentes*” (p. 50). Na atualidade, em razão do que se convencionou designar como a crise dos paradigmas da ciência, o entendimento dos processos saúde/doença/atenção não deve ficar aprisionado a um contexto que desconsidere a relevância dos fatores sócio-culturais e psicológicos. É a (re)entrada da subjetividade em cena. Sem desconsiderar a importância da prática médica, agora ela passa a ser vista *também* considerando-se as contribuições e interpretações sociológicas e antropológicas sobre a doença/saúde/atenção.

Corroborando essa contribuição, o autor apresenta os resultados de uma pesquisa empírica, com o objetivo de clarificar o sentido do termo “*alternativo*” em saúde e doença. O estudo foi realizado na cidade de Campinas, em São Paulo, no período de maio de 1997 a abril de 1998. Segundo o autor, naquele momento, o município vivenciava um quadro de instabilidade no setor saúde, ocasionado pelo processo de implantação da municipalização dos serviços. Essa instabilidade, ao provocar alterações nas representações dos profissionais, possibilitou favoravelmente a realização do processo investigativo em torno da avaliação de outras alternativas de trabalho implantadas na área da saúde. Para tanto, utiliza-se de métodos oriundos da tradição etnográfica e fenomenológica, com as técnicas de observação participante e entrevista semi-estruturada. Ao adotar uma perspectiva metodológica qualitativa, o conceito de representações sociais emerge como instrumento fundamental à compreensão da realidade estudada.

O autor valoriza a investigação em torno de experiências práticas, demonstrando que a insistência na utilização do paradigma mecanicista tem sua parcela de responsabilidade nos problemas enfrentados pelo setor da saúde. Nesses termos, enfatiza que a experiência da saúde e da doença exige a consideração das questões subjetivas – *microsubjetivas*, segundo sua própria expressão –, ressaltando a inovação desta posição em termos da Sociologia da Saúde no Brasil.

Um dos méritos do livro é sua contribuição para superar o hiato entre as novas perspectivas teóricas e

a prática vivida nos serviços de saúde por seus atores, o que o torna indispensável a todos os leitores interessados no tema e, particularmente, aos profissionais de saúde, estudantes, docentes e pesquisadores aguçados em acrescentar às práticas tradicionais uma perspectiva holística da realidade social vivenciada no setor saúde no Brasil.

Marco S. Queiroz é cientista social e mestre em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas. Seu doutorado em Sociologia foi realizado na Universidade de Manchester, Inglaterra. É reconhecido como um dos primeiros estudiosos do Brasil a se preocupar com questões relacionadas à saúde, à medicina e seus paradigmas, questionando com vigor as relações entre a ciência, a medicina e a ordem social na modernidade.

Angela Maria Hygino Rangel  
Escola de Serviço Social, Universidade Federal  
do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

**ZOONOSIS Y ENFERMEDADES TRANSMISIBLES COMUNES AL HOMBRE Y A LOS ANIMALES. Pedro N. Acha & Boris Szyfres. 3ª Ed. Washington DC: Organización Panamericana de la Salud, 2003. 3 vols. (Publicación Científica y Técnica No. 580). ISBN: 92-75-31991-X**

Nos últimos anos, as doenças transmissíveis mais uma vez tiveram a atenção de profissionais da área da saúde em nível mundial. A pandemia da AIDS, a disseminação da hepatite C e a reemergência de diversas doenças endêmicas em áreas onde haviam sido controladas chamaram a atenção para a necessidade de estudos voltados para esses temas. Apesar de se ter conhecimento de que as mudanças ambientais decorrentes do processo de urbanização, a facilidade de locomoção da população humana, bem como o maior acesso a mercadorias de outras áreas geográficas têm contribuído para tal cenário<sup>1</sup>, estudos continuam a ser desenvolvidos à procura de maiores esclarecimentos.

Uma rápida busca em bases bibliográficas nos mostra que um grande número de trabalhos sobre zoonoses e doenças transmissíveis, incluindo leishmaniose, larva migrans e raiva, dentre outras, tem sido desenvolvido por diversos pesquisadores. Diante de novos objetos de estudo, seja por profissionais já consolidados em suas áreas de atuação, seja por alunos de pós-graduação, muitas vezes faz-se necessária uma leitura básica sobre o tema. Assim, para os que estão iniciando pesquisas que podem versar sobre algum aspecto de doenças transmissíveis e/ou zoonoses, e que carecem de um primeiro contato com informações e bibliografia pertinentes, esta coletânea publicada pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) desempenha papel importante.

Por sua estrutura de apresentação e abrangência, a publicação pode servir de base para quem atua em diferentes áreas. Como exemplo, podemos citar estudos em paleoparasitologia e paleoepidemiologia, que discutem a relação entre a descoberta de ovos de parasitos em estruturas antigas, do século XVI, e condições de higiene e nível de infecção existentes naquela época<sup>2</sup>. Outro exemplo que pode ser dado é um estudo epidemiológico sobre a distribuição geográfica de

leptospirose<sup>3</sup>, em cuja discussão os autores apontam fatores que atuam na distribuição dessa doença em área urbana.

A coletânea se apresenta dividida em três volumes: no primeiro, o leitor poderá ter acesso a informações sobre bacterioses e micoses, tais como cólera, hanseníase, peste e coccidioidomicoses; no segundo, são apresentadas infecções por clamídia, rickettsioses e viroses, inclusive dengue, encefalites, herpes e raiva; no terceiro, destinado a parasitoses, há divisão em três seções – protozoonoses, helmintos e a última sobre artrópodos, entre os quais os autores incluíram míases, sarna e dermatites.

A coletânea foi organizada de forma a passar ao leitor informações sobre sinonímia da doença, características do agente, distribuição geográfica, epidemiologia, aspectos clínicos referentes à população humana e animal, fonte de infecção, diagnóstico e controle. Ao final de cada tópico, é apresentada uma lista de referências bibliográficas. Como a coletânea cobre uma gama de enfermidades, torna-se difícil manter a publicação completamente atualizada. Uma rápida leitura, e será possível identificar que alguns agravos, como esquistossomose, estão mais atualizados que outros.

A falta de referências brasileiras também pode ser notada. Na página 139 do volume I (bacterioses e micoses), encontramos o tópico destinado a borrelioses, cuja referência mais recente é de 1991. Vale ressaltar que, em 2000, foi publicado, por pesquisadores brasileiros, artigo de revisão sobre o tema, no qual se encontram diversas referências de artigos publicados entre 1991 e 2000<sup>4</sup>. Não obstante esse aspecto, vale ressaltar a importância da publicação. A sugestão para os interessados em se aprofundar em um dos tópicos, ou confirmar sua atualização, é uma rápida busca nas principais bases bibliográficas disponíveis na Internet.

A coletânea pode ser adquirida em conjunto ou cada volume isoladamente. Caso o interessado não encontre em uma livraria próxima de sua casa, poderá obter a obra por intermédio da página da OPAS na Internet (<http://www.paho.org>).

Reinaldo Souza-Santos  
Escola Nacional de Saúde Pública,  
Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil.  
rssantos@ensp.fiocruz.br

1. Sabroza PC, Waltner-Toews D. Doenças emergentes, sistemas locais e globalização. *Cad Saúde Pública* 2001; 17 Suppl:4-5.
2. Fernandes A, Ferreira LF, Gonçalves MLC, Bouchet F, Klein CH, Iguchi T, et al. Intestinal parasite analysis in organic sediments collected from a 16<sup>th</sup>-century Belgian archeological site. *Cad Saúde Pública* 2005; 21:329-32.
3. Tassinari WS, Pellegrini DCP, Sabroza PC, Carvalho MS. Distribuição espacial da leptospirose no Município do Rio de Janeiro, Brasil, ao longo dos anos de 1996-1999. *Cad Saúde Pública* 2004; 20:1721-9.
4. Soares CO, Ishikawa MM, Fonseca AH, Yoshinari NH. Borrelioses, agentes e vetores. *Pesq Vet Bras* 2000; 20:1-19.